

[🏠 / Sociedade / Notícias /](#)

Share (0)

Tweet (0)

LinkedIn (0)

Grupos de caçadores-recoletores já interagiam em redes sociais há milhares de anos

Investigadores sequenciaram pela primeira vez genomas de indivíduos do Paleolítico

22-11-2017



Os investigadores analisaram a informação genética dos restos mortais de quatro indivíduos que viveram na mesma altura, ou seja, há cerca de 34 000 anos, e da nossa espécie *Homo sapiens*

Fonte cE3c

Vítor Sousa, investigador do [Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais \(cE3c\)](#), é um dos coautores de um estudo publicado na *Science* sobre grupos de seres humanos caçadores-recoletores, que há mais de 34 000 anos já desenvolviam redes sociais complexas para escolher parceiros e evitar riscos da endogamia.

Endogamia define-se como sendo a reprodução sexual entre indivíduos consanguíneos, da mesma família.

Para evitar este fenómeno, há pelo menos 34 000 anos grupos de seres humanos caçadores-recoletores desenvolveram redes sociais complexas. Como? Constituindo pequenos grupos de indivíduos ligados a uma rede mais ampla, entre os quais os parceiros sexuais eram escolhidos.

Do trabalho que permitiu chegar a esta conclusão e que se encontra [publicado na revista científica Science](#), fazem parte mais de 26 investigadores de diferentes países.

Os investigadores analisaram a informação genética dos restos mortais de quatro indivíduos que viveram na mesma altura, ou seja, há cerca de 34 000 anos, e da nossa espécie Homo sapiens: um homem adulto; duas crianças, enterradas juntas, e um fémur simbolicamente modificado de outro adulto. Estes restos mortais encontravam-se enterrados em Sunghir, um local arqueológico do Paleolítico Superior situado a cerca de duzentos quilómetros a este de Moscovo, na Rússia.

A surpresa deu-se quando os resultados revelaram que os indivíduos não eram próximos do ponto de vista genético.

Vítor Sousa iniciou este estudo durante um pós-doutoramento na Universidade de Berna, na Suíça, e concluiu-o já integrado no cE3c, tendo sido o responsável pela análise dos genomas dos quatro indivíduos para investigar a relação entre os indivíduos de Sunghir, os humanos modernos e os Neandertais.

“Contrariamente ao esperado, as análises genéticas permitiram concluir que as duas crianças enterradas juntas não eram irmãs mas sim, no máximo, primas em segundo grau”, conta Vítor Sousa. Até aqui, grande parte dos dados era obtida através de sítios arqueológicos com apenas um indivíduo.

“Pela primeira vez conseguimos sequenciar os genomas de vários membros de um grupo de indivíduos que viveu no Paleolítico. Até aqui, a maior parte dos dados provinham de sítios arqueológicos com apenas um indivíduo, o que não permitia responder a questões sobre a composição e evolução dos grupos sociais na nossa espécie.” Vitor Sousa

Estes dados são importantes para compreender como é que os humanos conseguiram colonizar praticamente todo o planeta, e qual o papel da migração e dos contactos dos humanos modernos com os Neandertais.

“A nossa diversidade genética atual resulta dessa história de migração e contactos entre grupos. Perceber como é que isso ocorreu é fundamental para, por exemplo, descobrir quais os genes associados a doenças complexas, como o cancro ou a diabetes”, acrescenta o investigador.

O motivo pelo qual os seres humanos modernos foram bem sucedidos - enquanto outras espécies rivais como os Neandertais não o foram -, pode ser explicado pelo desenvolvimento precoce destas redes sociais. Para que tal ideia seja confirmada é ainda

desenvolvimento precoce destas redes sociais. Para que tal ideia seja confirmada e ainda necessário obter informação genómica mais antiga, tanto dos primeiros humanos modernos como dos Neandertais.

Texto por

ACI Ciências com Marta Daniela Santos, cE3c

Email de Contacto

info.ciencias@ciencias.ulisboa.pt

Tags

Ciências

ULisboa

CE3C

Vítor Sousa

Science

Homo sapiens

Redes

Redes Sociais

18-12-2018

António Branco presidente da ELRA

António Branco, professor do DI Ciências ULisboa, é o novo presidente da ELRA-European Language Resources Association, a principal associação científica europeia para o processamento da linguagem natural e uma das mais importantes associações a nível mundial nesta subárea da Inteligência Artificial.



13-12-2018

A Forma do futuro

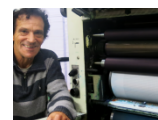
"Reverendo as discussões nos últimos anos sobre a Inteligência Artificial (IA), a ideia da superinteligência (super-homem) e da frieza dos comportamentos dos agentes artificiais, quando comparados com os seres humanos, concluímos que o medo à IA só será ultrapassado com uma nova postura da IA, virada para a ênfase nos benefícios", escreve Helder Coelho, professor do DI Ciências ULisboa.



12-12-2018

Raúl Ferreira

O que fazem e o que pensam alguns membros da comunidade de Ciências ULisboa? O *Dictum et factum* de dezembro é com Raúl Ferreira, assistente operacional da Oficina Gráfica da Área de Serviços Técnicos de Ciências ULisboa.



10-12-2018

Sair da cabeça

"Às vezes é mesmo preciso 'sair da cabeça e dar ouvidos ao corpo'. Dar atenção aos sinais físicos e às sensações", escreve na rubrica habitual a psicóloga do GAPsi, Andreia Santos.



10-12-2018

"Estudar nesta faculdade foi um grande privilégio"

Leia a entrevista com Soraia Pereira, vencedora do Prémio SPE2018 e que descobriu o interesse pela Estatística no último ano da licenciatura em Matemática.

